

Sugestões de títulos e orientações para o trabalho em sala de aula — complementar ao *Caderno de Leituras*

Uma fábula moderna

Berta Waldman

Professora de literatura hebraica na USP e professora de literatura brasileira e teoria literária na UNICAMP.

Amós Oz é o escritor israelense contemporâneo mais conhecido do público brasileiro. Uma forte característica de sua ficção é seu vínculo com a ética e a política, que cria um desafio para o seu trabalho, pois a literatura lida com a intimidade, enquanto a política é, por natureza, geral e abrangente. Para evitar que a política atropele o andamento da literatura, o autor faz com que as ideias ou ideologias ganhem vida, dotando-as da capacidade de instigar personagens e movê-los num caminho que dá andamento e direção ao enredo. É o que ocorre em *De repente, nas profundezas do bosque*, o último livro publicado de Amós Oz. Trata-se de uma fábula, mas às avessas, pois nas fábulas clássicas os animais falam, e nesta fala-se deles, pois deixaram de existir. Pelo menos, é essa a história que corre numa aldeia cinzenta e triste, ladeada por um bosque no qual as pessoas estão proibidas de entrar. O mapa da narrativa se compõe, assim, de dois espaços nitidamente delineados e intransponíveis: de um lado os seres humanos, de outro os animais. Entretanto, no bosque há alguns humanos, enquanto na aldeia há rastros dos animais, pois alguém emite um quase balido, outro relincha, um personagem alimenta pombos que não existem, e por aí vai. Além dos rastros que deixam, os animais ganham uma existência abstrata: aprende-se sobre eles na escola, e quase em segredo são mencionados em casa. Mas como se explica essa divisão?

Conta o narrador que numa noite de tempestade todos os animais desapareceram. Alguns velhos juravam que viram, através das frestas das venezianas, como a sombra do demônio Nehi passava pela aldeia carregando atrás de si uma longa comitiva de sombras. A essa caravana se juntaram todos os animais. A partir desse dia os habitantes da aldeia passaram a cultivar uma aura de silêncio e medo em relação ao ocorrido, transformando a natureza em inimiga. Na escola as crianças aprendiam: “O bosque é um lugar perigoso”. Instigadas pelo mistério e inconformadas com a falta de explicações convincentes, duas crianças da aldeia, Maia e Mati, decidem investigar o que há do lado de lá.

Terão existido ou existem os bichos de que falam os mais velhos? Ou serão matéria de lenda, pura invenção?

A partir daí a fábula adquire mais densidade: as crianças vão desvendar o mistério que ronda os acontecimentos, dando ao relato um rumo inusitado.

Elas adentram o bosque e logo veem um peixe dourado nadando à sombra no rio. Caminham um pouco mais e topam com alguém assando batatas e cebolas numa fogueira. Aproximam-se e identificam um colega da escola — Nimi, garoto tripudiado e humilhado pelos demais, por ser diferente. Os meninos seguem adiante no bosque já sem atalhos, atravessando a mata densa e escura até chegar ao palácio de Nehi, o terrível feiticeiro das montanhas. Surpreendentemente, o jardim do palácio é um lugar agradável, iluminado por miríades de vaga-lumes, pontilhado de árvores frutíferas e ornamentais, arbustos, ervas e grama, canteiros de flores e folhagens multicoloridas, e povoado por um sem-número de pássaros e aves de todo tipo, insetos, cobras, carneiros, girafas, antílopes, jumentos, lebres, lobos, ursos, raposas, chacais, tigres, vacas etc. etc. A visão do paraíso: os animais convivem em paz, não se alimentam uns dos outros, há um arbusto que dá frutos com sabor de carne que satisfazem os animais carnívoros. Nehi conversa com os animais na língua deles.

O leitor depara, a essa altura, com a outra versão da história, contada por Nehi. Os bichos teriam desaparecido da aldeia porque eram maltratados pelos habitantes: os cavalos eram chicoteados, os gatos afogados e apedrejados, os cães castigados por seus donos, os insetos dizimados por todo tipo de veneno. Face à maldade humana, o “demônio” cria um abrigo em seu “palácio” nos confins do bosque, e impede o extermínio dos animais.

Afinal, quem é bom?, quem é mau? O autor desfaz o maniqueísmo de um mundo composto de bons e maus e mostra que a figuração do mal é apenas a perversão e a malevolência daqueles que não toleram as diferenças e pretendem abolir as respostas que a vida, com sua extravagante multiplicidade, nos oferece.

Como se vê, esta fábula não afasta Amós Oz de suas convicções políticas. Ela propõe o inconformismo como resposta à opressão, ao obscurantismo, à discriminação, defendendo o pensamento independente como instrumento de libertação.

Ela ensina, além da necessidade de preservar a natureza, que a vida sem “o outro” é sempre triste, já que é ele que nos dá a verdadeira dimensão do que somos.